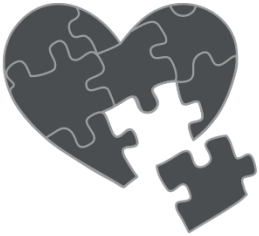

Capítulo 1

O final da tarde de domingo sempre foi uma espécie de momento improdutivo e deprimente para Rafael, e o vento forte, com a possibilidade de chuva, aumentou o clima de desânimo. A única coisa que ele queria fazer era deitar no sofá e assistir alguma série na TV. Seus olhos ardiam de tanto encarar a tela do computador, e sua cabeça estava sem ideias.

O anúncio precisava ser chamativo, sem parecer apelativo. Tinha de ter a mensagem certa, com a quantidade de palavras certas, mas Rafael ainda não chegara ao ajuste final.

— Que tal colocar "*Encontre sua alma gêmea*" como chamariz? — sugeriu Guilherme.

— Tá doido? Vai ficar parecendo aqueles cartazes colados em postes, que tem no centro do Rio de Janeiro, dizendo "*trago a pessoa amada em três dias*".

— Não conheço isso, mas não tenho como prometer ser em três dias.

— Foi uma piada. — Rafael olhou o amigo, que estava parado em pé, atrás dele. — Nunca viu um desses?

— Não perco tempo com essas coisas. Por isso criei o aplicativo: é mais seguro, prático e rápido. — Ele se abaixou e fez um gesto negativo com a cabeça em relação à arte que Rafael estava criando. — Que tal usar estas palavras? Rápido e seguro?

— Muito frio e impessoal. — Rafael suspirou alto. — Que tal deixar de lado o lance da alma gêmea, só colocar que você precisa de pessoas para responderem algumas perguntas para o seu TCC?

— São mais de cem perguntas, não algumas. E não é para meu Trabalho de Conclusão de Curso.

— Ninguém fala assim, todo mundo só diz TCC e pronto, as pessoas sabem o que significa. Pare de falar como um professor de oitenta anos. — Rafael começou a rir com a seriedade do amigo. Respirou fundo, criando coragem para sair de casa, salvou o trabalho e colocou o computador para desligar. — Agora vamos para o Bebe Aqui.

— Ei, você não terminou! Eu prometi que ia quando você terminasse — protestou Guilherme.

— Errado. Você prometeu sair de casa se eu te ajudasse. E é o que estou fazendo. Amanhã a gente continua, hoje estou sem ideias.

Rafael pegou um casaco e saiu do quarto, com Guilherme atrás. Eles pararam enquanto Rafael procurava a chave do carro no meio do caos que estava a mesa da sala.

— Mas eu quero colocar nos quadros de aviso de todos os departamentos amanhã. Estou atrasado com isso.

— Bem, se não é para seu TCC, não tem pressa — disse Rafael, ainda sem sucesso em encontrar a chave. — Relaxa, Gui, vamos curtir a noite. Até amanhã, eu penso em algo melhor para colocar na arte. Afinal, se as pessoas vão responder mais de cem perguntas, preciso deixar o anúncio interessante, para que elas realmente queiram responder cem perguntas, já que você não quer fingir que é para o seu TCC.

— Eu não vou mentir.

— O aplicativo dará certo e você pode usá-lo como tema do seu TCC, então, tecnicamente, você está dizendo a verdade. Além disso, as pessoas adoram ajudar os outros com o TCC. Aposto que ia conseguir muito mais voluntários se falasse que era para isso. E, na minha opinião, você está mentindo quando jura que a pessoa vai encontrar a alma gêmea dela pelo aplicativo.

— Não estou mentindo. Almas gêmeas existem. Bom, talvez não exatamente com essas palavras, mas existe uma pessoa que se encaixa perfeitamente com outra nos quesitos gostos, atitudes, ideias, e isto culmina para que elas consigam passar o resto dos dias juntas, pois o companherismo as tornam parceiras para enfrentar os problemas que a vida causa e...

— Ok, ok, chega de palestra. Não acredito nessas coisas de uma pessoa estar destinada a mim, nem quero saber se existe alguém

assim. Como você, só vou preencher o questionário para aumentar sua base de dados. No momento, vamos nos concentrar em colocar esse aplicativo para funcionar e ficarmos ricos, tá?

— Ficar rico com um aplicativo não é algo certo. Pode ser que consigamos algum dinheiro, mas não há nada que prove que iremos fazer uma fortuna com um aplicativo de... hum... almas gêmeas.

Rafael balançou a cabeça e ficou aliviado ao encontrar a chave do carro em cima da bancada, que separava a sala da cozinha americana. A chuva fraca, que começou a cair, o desanimou a andar até o Bebe Aqui. A verdade é que, embora gostasse de ir ao bar todos os domingos, naquele dia, ele estava com preguiça. Tentava ignorar a televisão grande no canto da sala, o convidando a ligá-la, mas era raro convencer o amigo a sair de noite. Se soubesse que começaria a chover, teria deixado o convite para outro dia.

Ele morava com Guilherme há quase dois anos, desde que deixou o Rio de Janeiro e entrou na UFRP, a Universidade Federal de Rio das Pitangas, em Minas Gerais, e só saíram juntos uma única vez. Guilherme estava no terceiro ano da faculdade, cursando Engenharia de Software, mas preferia passar as noites enfiado no quarto, mexendo no aplicativo que vinha desenvolvendo há algum tempo.

Quando se conheceram, no ano anterior, assim que Rafael foi morar na república que Guilherme dividia com Pedro, eles ficaram amigos de imediato, mesmo com toda a diferença de personalidade dos dois. No momento em que Guilherme comentou sobre o aplicativo, Rafael, que estava no final do segundo ano do curso de Marketing, prometeu que ajudaria na divulgação. Era a sua maneira de contribuir com o projeto, pois não entendia nada de programação a ponto de participar do desenvolvimento do software. Ele tinha a certeza de que Guilherme estava no caminho certo.

Já Pedro, o terceiro morador da casa, era distante e eles mal se falavam.

— Tá, tá, mas eu ainda acho que o aplicativo é uma galinha dos ovos de ouro. Você não tem ideia de quantas pessoas se matariam para saber quem é a alma gêmea delas.

— Eu não quero ninguém se matando! — disse Guilherme, com uma expressão de horror no rosto.

— É uma figura de linguagem. — Ele riu com a ingenuidade do amigo.

Antes de saírem de casa, Guilherme puxou a manga da camisa de Rafael.

— Você vai chamar ele? — perguntou, baixinho, indicando o primeiro quarto que havia no corredor da casa.

— Você está louco? — disse Rafael.

Eles ficaram alguns instantes olhando a porta fechada do quarto de Pedro.

— O que será que ele está fazendo?

— Não sei e nem quero saber, de verdade. — Rafael mostrou a chave do carro. — Vamos?

Guilherme levantou os ombros, como se dado por vencido. Rafael abriu a porta e saiu, feliz em carregar o amigo para uma noite de distração. Ele realmente confiava que o aplicativo seria um sucesso. Um aplicativo que, depois que a pessoa cria um perfil e responde perguntas relacionadas a seus gostos e vida particular, podia levá-la a encontrar alguém com gostos similares. Em outras palavras, a sua tão sonhada alma gêmea.

*

Batata frita. Uma travessa imensa de batatas fritas sequinhas e crocantes, salgadas na medida certa. Era só no que Bruna pensava: na porção que iria devorar dali a pouco.

Estava distraída, quando Larissa deu um cutucão em seu braço.

— Só mais uma, por favor? — pediu a amiga, fazendo beicinho.

— Você disse isso umas vinte fotos atrás — ironizou Bruna, se ajeitando no sofá. — Não sei porque não usa a que tiramos agora.

— Meu cabelo não está legal nela.

— E a anterior?

— Seu pescoço ficou estranho.

Bruna rolou os olhos e começou a rir.

— Eu não me importo com isso. De verdade.

— Mas eu me importo. — Larissa levantou o celular e sorriu para a câmera. — Vamos, prometo que esta vai ser a última.

Bruna obedeceu, sabendo que provavelmente não seria a última. Desde que Larissa decidiu usar as redes sociais para mostrar a rotina universitária de Rio das Pitangas, que a vida das duas foi tomada por isso. Ela perdeu as contas de quantas fotos tiradas foram direto para a lixeira.

No começo, ficava perturbando a amiga de infância, para provocar, e agora tinha se acostumado. Não possuía a paciência de Larissa para arrumar cenários, utilizar milhares de filtros para deixar a foto o mais perfeita possível, e ficar pensando em várias coisas diferentes para postar na internet. Suas redes sociais se resumiam a uma ou outra foto de festa; a maior parte era dominada por cliques de Baz, o gato angorá preto da família, que vivia dormindo em poses engraçadas.

— Se quiser, tenho algumas fotos do Baz que tirei hoje cedo — brincou Bruna.

— E como uma foto de um gato com a legenda "*Partiu Bebe Aqui*" vai combinar? Tem que ser uma selfie nossa — respondeu Larissa, não entendendo a brincadeira de Bruna. — Ah, e por falar em Baz, aquela bolsa ali no canto tem os livros que você me emprestou no mês passado. Já li tudo e depois volto aqui para pegar mais.

— Às ordens. — Bruna franziu a testa. — E por que falar no meu gato te faz lembrar de livros?

— Porque ele é o persgonagem de um, esqueceu? E porque você é minha biblioteca particular, sempre tem os livros certos para mim.

— Acho que são os livros certos para mim, mas vou fingir que compro todos só para você, se isso te deixa feliz.

— Isso aí. Agora vamos tirar a última foto, prometo!

Elas se abraçaram novamente e veio o clique. Larissa analisou a foto e a aprovou, para alívio de Bruna, que ficou observando a amiga mexendo na foto, colocando filtros, diminuindo o brilho, aumentando a nitidez, mudando o contraste, e sentiu uma preguiça enorme.

— Vou pegar água, quer? — disse ela, saindo da sala sem esperar por uma resposta de Larissa.

Ao entrar na cozinha, encontrou os pais preparando o jantar. Ficou na porta por um tempo, observando a cumplicidade dos dois, que riam de algo, enquanto o pai jogava macarrão na água fervente. Ele percebeu a presença da filha e se assustou.

— Pensei que já haviam saído.

— A Lari ainda está tentando encontrar uma foto boa para postar — explicou Bruna, abrindo a geladeira e servindo dois copos de água.

— Ah, deixa eu ir lá para ela me ensinar a embelezar a foto — disse Eliana, largando o queijo parmesão, que ralava em um prato, e saindo rápido da cozinha.

— É adicionar filtro que se fala, mãe — gritou Bruna, para o nada.

— Sua mãe quer virar uma espécie de *digital influencer* da terceira idade — brincou Milton, pegando o parmesão e voltando a ralar o queijo.

— Diga isso a ela que a casa vai desabar.

— Nunca diga a sua mãe ou a mim que estamos chegando na terceira idade — brincou Milton. Ele olhou a filha, que bebia água. — Não vai ficar tarde para sair?

— Não, ainda dá tempo de pegar uma mesa no Bebe Aqui. — Bruna olhou as horas no celular ao escutar a chuva caindo do lado de fora da casa. — Mas deixa eu ir lá na sala interromper a aula de redes sociais ou então teremos que ficar a noite toda em pé.

Ela deu um beijo no pai e pegou o copo de água para Larissa.

*

Ao contrário dos domingos anteriores, naquele dia o movimento estava fraco no Bebe Aqui, e Rafael já se perguntava porque não deixara para sair outro dia com Guilherme. Este parecia estar se divertindo, para sua surpresa.

— Até que aqui é legal — comentou Guilherme.

Rafael se questionou sobre a definição de diversão para o amigo, mas não disse nada. Por um momento, se perguntou se não deveria ter tentado deixar a noite melhor de alguma forma, embora não tenha se animado a enviar mensagem para alguém perguntando se apareceria por lá. Um grupo de estudantes jogava sinuca e menos de dez mesas estavam ocupadas, no salão do bar, e Rafael não conhecia ninguém nelas. Uma pena seu melhor amigo Igor estar viajando, ele era uma companhia divertida e poderia alegrar o ambiente.

— Eu adoro este lugar, mas hoje está um pouco vazio. Acho que a chuva espantou as pessoas.

— Não vejo lógica em deixar de sair de casa por causa de chuva. É apenas água.

— Comentou aquele que nunca sai de casa, a não ser para ir à universidade.

— Não existe muita coisa interessante além da universidade.

— Aí que você se engana, Gui. Tem um mundo todo maravilhoso aqui fora, além da universidade. Você precisa sair mais.

— Vamos ver — disse Guilherme, e Rafael sabia que precisaria fazer mais chantagens para continuar tirando o amigo de casa.

Ele se levantou e foi até o balcão pegar a porção de petiscos na chapa, que ficou pronta. Era o que adorava no Bebe Aqui, o estilo informal de ter que fazer os pedidos no balcão e ir até lá pegar, quando estava tudo pronto, como se fosse um *fast-food*. Algumas pessoas reclamavam constantemente sobre o sistema de atendimento, mas continuavam indo lá pelo ambiente descontraído e a comida saborosa. Rafael suspeitava que era uma tática para que os estudantes não bebessem muito, evitando confusões: se você precisa se levantar a todo momento, chega um ponto em que percebe que está na hora de parar de pedir mais cerveja.

— Sabia que eu já pensei várias vezes em dar uma olhada em alguma outra casa aqui na cidade? — comentou Rafael, colocando a travessa de comida na mesa.

— O que há de errado com a nossa?

— O Pedro.

— Eu adoro a nossa casa, não vou me mudar por causa dele — disse Guilherme, pegando uma batata frita.

— Também adoro, mas é algo que já passou pela minha cabeça, algumas vezes. Talvez pelo fato de ter que ficar olhando por cima do ombro toda vez que vou até a cozinha.

— Você está exagerando.

— Não estou. Vai dizer que você não acha o cara estranho?

— O fato de ele ser estranho não faz dele um assassino.

— Eu não disse que ele é um assassino. Só é estranho. — Rafael se aproximou um pouco do centro da mesa. — Quando fui morar lá, dormia todas as noites com a porta do quarto trancada, até perceber que ele é inofensivo — sussurrou.

Guilherme começou a rir alto.

— Eu já fiz isso também, mas não vou procurar uma nova casa para morar. E é o último ano do Pedro, então, daqui a alguns meses, ele vai se formar e vai embora.

— E se não for? — perguntou Rafael, desanimado. Quando chegou em Rio das Pitangas, não conhecia ninguém, e ficou feliz ao ver um anúncio no Departamento de Marketing sobre um quarto disponível em uma casa. Ao chegar lá, conversou com Guilherme e gostou do lugar. Só foi conhecer Pedro depois. — E se ele decidir fazer um mestrado e não se mudar?

— Não acredito que isso vá acontecer.

— Ainda não entendo como você conseguiu dividir o mesmo teto com ele por tanto tempo.

— Nunca me importei em não confraternizar. Quando cheguei, o Pedro já era morador, não podia expulsá-lo. E, além do mais, a casa é excelente, com uma cozinha prática, interligada à sala por uma bancada, quartos de tamanho satisfatórios e uma localização estratégica, próxima da universidade e do comércio. Além de o fato da rua não ter muito movimento e, consequentemente, sem barulho. Quem estava lá, era indiferente para mim.

— Estou morando há quase dois anos com ele e ainda não consigo pensar igual a você, que o Pedro é como se fosse apenas mais um móvel na casa. Tudo bem que mal vejo ele, ainda bem que vive trancado no quarto, então dá para ir levando. E você tem razão, o lugar é tão bom que compensa conviver com um *serial killer*.

Os dois riram e Guilherme abriu a boca para falar mais alguma coisa, mas foi hipnotizado por uma garota que entrou no bar. O cabelo preto estava solto, usava uma calça jeans e uma blusa azul básica, e chamava a atenção ao passar. Havia um magnetismo nela que fazia com que Guilherme não conseguisse desviar os olhos.

Ela se sentou em uma mesa um pouco afastada da deles, enquanto a amiga foi até o balcão fazer os pedidos. Guilherme continuou olhando para ela, que estava entretida mexendo no celular.

— Meu Deus, cara, disfarça — pediu Rafael. — Daqui a pouco o bar todo vai perceber que você não tira os olhos da Larissa.

— Quem é ela?

— Não conhece a Larissa Alves? Acho que toda a UFRP conhece a menina. Ela é tipo uma celebridade daqui, tem uns cinquenta mil seguidores nas redes sociais.

— Você sabe que não perco tempo com isso. — Guilherme tentou desviar os olhos de Larissa, mas toda hora voltava a encarar a garota, que nem percebeu sua presença no bar.

— Ela é meio famosinha, fica postando a vida dela o tempo todo na internet. Vai por mim, a garota não tem nada a ver com você.

— Quem disse?

— Gui, você é o cara mais tranquilo e avesso à popularidade que conheço. Essa menina aí é o seu oposto.

— Os opostos se atraem, não é o que dizem?

— Pensei que não acreditasse nisso.

— E não acredito. É claro que pessoas com gostos totalmente diferentes tendem a não ter relacionamento duradouros, a não ser que um dos lados ceda sempre, o que leva a um estresse contínuo e... — Ele parou de falar ao perder a linha de raciocínio, ainda encantado com a garota que estava a poucos metros de distância. — Mas ela tem algo de mágico no ar — comentou Guilherme, olhando Larissa, que tirava algumas fotos dela e da amiga.

Eles ficaram quietos um tempo, observando Larissa se levantar e buscar uma garrafa de cerveja e dois copos no balcão, após o número da mesa delas aparecer no visor do bar. Ela voltou para a mesa e tirou uma foto brindando com a amiga.

— Você conhece ela? — perguntou Guilherme.

— Não. Ela e a amiga também cursam Marketing, mas são um ano atrás de mim. Sei quem são porque é praticamente impossível não conhecer a Larissa por aqui. — Ele olhou o amigo e sorriu. — Ei, podemos pedir para ela divulgar o aplicativo! Imagina só se todos os seguidores dela, ou até metade deles, responderem as perguntas? Você vai ter uma base de dados incrível para testar.

— Não! — respondeu Guilherme, segurando o braço de Rafael, que já se levantava da cadeira.

— Por que?

— Não, não. Calma. Eu...

— Gui, você precisa de dados suficientes para testar a eficiência do aplicativo. A Larissa pode ajudar.

— Não, calma. Vou pensar.

— Ela não morde, cara, é só uma garota — brincou Rafael.

— Já disse que vou pensar. — Guilherme encerrou o assunto. Ele voltou a olhar Larissa, que digitava no celular, enquanto a amiga foi até o balcão buscar uma travessa de batatas fritas. — Talvez você esteja certo, eu realmente preciso sair mais.